



ENTREVISTA

“A Educação Inclusiva em Contextos Presenciais, Híbridos e On-line”.

Entrevistada: *Elisa Tomoe Moriya Schlünzen*   - Graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Unesp (1985), Especialização em Ciência da Computação pela Universidade de São Paulo em São Carlos - USP (1987), mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (1994) e doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP (2000). É Livre-Docente em: “Formação de Professores para uma Escola Digital e Inclusiva”; pela UNESP (2015). Líder do Grupo de Pesquisa Ambientes Potencializadores para a Inclusão (API). Atualmente é professora colaboradora na Unesp e permanente na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), nos Programas de Pós-Graduação em Educação e bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. Foi Coordenadora Geral de Políticas Pedagógicas na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação - SECADI/MEC (2011) e Coordenadora adjunta e acadêmica do Núcleo de Educação a Distância (NEaD/Unesp) (2011-2018). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação na Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Processos formativos de Professores, Abordagem Construcionista, Contextualizada e Significativa, Educação Especial e Inclusiva e Educação a Distância.

Universidade do Oeste Paulista - Unoeste, aposentada da Universidade do Estado de São Paulo - Unesp.

Dialogia: Poderia falar um pouco a respeito de seu percurso acadêmico e, sobretudo, profissional?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: Iniciei minha carreira acadêmica fazendo Graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Unesp (1985). Na graduação, tive uma professora que dizia para eu fazer algo voltado para Tecnologia da Informação, então decidi cursar Especialização em Ciência da Computação pela Universidade de São Paulo, em São Carlos - USP (1987). No meio do curso, encontrei o professor Messias Meneguette Junior, que foi meu professor e observou o meu currículo. Quando eu estava tentando o mestrado, fui chamada para substituir um professor e comecei a dar aula na Faculdade de Ciência e tecnologia (FCT) da Unesp, faculdade que tinha me formado. Na sequência, iniciei o mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (1994) e viajava semanalmente o trecho Presidente Prudente - Campinas. Ao concluir o mestrado estudando Redes Neurais, sentia que não era exatamente o que eu sonhava e resolvi fazer doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP (2000) para trabalhar os processos formativos na Educação Especial com a finalidade de promover a Inclusão dos Estudantes Público da Educação Especial (PEE). Nesse doutorado, trabalhei com a abordagem Construcionista (base teórica e prática de Seymour Papert e trazida para o Brasil pelo professor José Armando Valente), Contextualizada e Significativa. A partir das

pesquisas realizadas sobre essa abordagem, tornei-me Livre-Docente em: “Formação de Professores para uma Escola Digital e Inclusiva”, pela Unesp (2015), pois orientei pesquisas vinculadas ao desenvolvimento de processos formativos em todos os níveis de ensino. Atualmente, estou como Líder do Grupo de Pesquisa Ambientes Potencializadores para a Inclusão (API) e sou professora colaboradora na Unesp e permanente na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), nos Programas de Pós-Graduação em Educação das duas universidades. Fui Coordenadora Geral de Políticas Pedagógicas na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação - SECADI/MEC (2011) e Coordenadora adjunta e acadêmica do Núcleo de Educação a Distância (NEaD/Unesp) (2011-2018). Possuo experiência na área de Educação, com ênfase em Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação na Educação, Tecnologia Assistiva e coordeno Processos formativos de Professores, de acordo com a Abordagem Construcionista, Contextualizada e Significativa, na Educação Especial, Inclusiva e a Distância. Neste momento, estou atuando como coordenadora pedagógica de um curso no Programa Braille Bricks Brasil (PBBB), uma iniciativa globalmente inovadora da Fundação Dorina Nowill para Cegos (FDNC) e que utiliza o kit LEGO, com as peças marcadas com o Sistema Braille, para promover a inclusão e a aprendizagem de crianças com deficiência visual desde o início da sua alfabetização. O projeto está vinculado ao Programa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, desenvolvido por mim junto ao programa de Pós-Graduação em Educação da Unoeste, especificamente a Linha de Pesquisa “Políticas Públicas em Educação, Processos Formativos e Diversidade”.

Dialogia: Como você definiria a educação inclusiva e qual a sua importância nos contextos educacionais?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: A educação inclusiva busca garantir o direito de todos à aprendizagem, valorizando, respeitando a diversidade e promovendo a equidade no acesso a escola e a aprendizagem. Seu princípio fundamental é a valorização das diferenças, de forma que possibilita o desenvolvimento das competências e habilidades de cada estudante. Além de garantir o suporte adequado para estudantes com deficiência, com autismo ou com altas habilidades/superdotação. Sua importância reside na construção de uma sociedade mais justa, onde a escola se torna um espaço em que os estudantes se desenvolvem afluindo o que cada um tem de melhor, em um ambiente democrático e acessível para todos. O que se observa é que no meio educacional há uma confusão entre a Educação Inclusiva (refere-se aos profissionais formados em um curso de licenciatura), com Educação especial (refere-se a um especialista em uma área específica ou para o Atendimento Educacional Especializado). Ou seja, a Educação Inclusiva aborda o desenvolvimento educacional do estudante, o professor da classe comum deve atuar para que os estudantes permaneçam, participem e aprendam. Ele deve dar oportunidades para que seus estudantes consigam se descobrir e se desenvolver em todas as áreas da sua vida, e no nosso caso usamos a abordagem CCS com a estratégia pedagógica da Aprendizagem Baseada em Projetos. Na Educação Especial, o professor especialista busca recursos e meios para que o estudante tenha acesso de forma equitativa e trabalha de forma colaborativa com o professor da sala comum.

Dialogia: Qual o seu entendimento a respeito da Educação Inclusiva, considerando o cenário atual da pesquisa em educação no Brasil e em outros países?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: Atualmente, a Educação Inclusiva é amplamente debatida nas pesquisas educacionais, com destaque para estratégias que garantam acessibilidade e aprendizagem significativa. No Brasil, as políticas estão em pleno desenvolvimento, como por exemplo o Plano Nacional de Educação, que impulsiona essa pauta. Mas há de se compreender que as políticas por si só não resolvem estes desafios como os relacionados à infraestrutura e à formação docente, que ainda persistem. Há uma necessidade urgente de rever os processos formativos, tanto o inicial quanto o continuado, bem como os cursos de pós-graduação (Lato e Stricto Sensu), ou seja, estudar teorias e leis não garante a formação para uma Educação Inclusiva. O próprio Antônio Nóvoa aponta que não estamos conseguindo formar os nossos estudantes para o século 21, e estamos longe de sermos inclusivos. Em países desenvolvidos, há maiores investimentos na formação de profissionais da educação e em recursos de tecnologia assistiva e metodologias inclusivas, ampliando a participação de estudantes com deficiência no ensino regular. No entanto, há ainda a necessidade de revisão dos processos formativos, levar técnicas e informar não é suficiente para que o professor consiga mudar a sua prática pedagógica. Por exemplo, eu posso indicar quais são os princípios do Design Universal para a Aprendizagem ou mostrar os benefícios da Inteligência Artificial para o processo de Ensino e a Aprendizagem. No entanto, isso não garante que o professor conseguirá compreender para mudar a sua prática, por isso usamos a abordagem CCS nos nossos processos formativos, pois não podemos falar para o professor fazer se não construímos junto com eles este novo fazer.

Dialogia: Qual a sua percepção a respeito dos avanços com relação à Educação Inclusiva e o uso de tecnologias, incluindo as assistivas na Educação Básica e Ensino Superior nos tempos atuais?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: O avanço das tecnologias assistivas tem potencializado a Educação Inclusiva, proporcionando recursos como leitores de tela, softwares de comunicação alternativa e materiais didáticos acessíveis. Na Educação Básica, tais ferramentas permitem maior autonomia e participação de estudantes com deficiência. No Ensino Superior, plataformas digitais e recursos de acessibilidade contribuem no desenvolvimento de estudantes em cursos presenciais e a distância, tornando a aprendizagem mais equitativa e adaptada às diferentes necessidades. No entanto, ainda persistem em todos os níveis problemas os processos formativos, pois na educação básica formamos os nossos estudantes para a escola e não para vida e, no ensino superior, a formação está voltada para as universidades em vez de formarmos para a escola ou para a sua atuação pessoal e profissional, não atendendo à demanda do mundo atual e do trabalho.

Dialogia: Quais autores considera mais representativos na área de Educação Inclusiva e seus desmembramentos, especialmente nas modalidades que vão além dos contextos presenciais?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: Dentre os principais autores da Educação Inclusiva, destacam-se Maria Tereza Égler Mantoan e David Rodrigues, que discutem a inclusão como um direito inegociável; Levi Vygotsky, com a teoria sociointeracionista; Paulo

Freire, Maria Cândida Moraes, que abordam sobre o valor social, emocional e libertador de cada pessoa; Tony Booth e Mel Ainscow, criadores do Índice para a Inclusão e a com práticas pedagógicas inclusivas. No contexto digital, José Armando Valente, Cícera Aparecida Lima Malheiro, Gabriela Alias Rios e Klaus Schlünzen Junior abordam a inclusão em ambientes virtuais, enfatizando estratégias pedagógicas para o uso da tecnologia assistiva na promoção da acessibilidade educacional em diferentes modalidades. Nos processos formativos de educadores podemos citar Antônio Nóvoa, Donald Alan Schön, Kenneth Zeichner e Myrtes Alonso e Marcos Masetto.

Dialogia: Quais os maiores desafios ao se propor a orientar e/ou desenvolver pesquisas que optam pela Educação Inclusiva e sua articulação com ambientes digitais de aprendizagem?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: Os desafios incluem a falta de acessibilidade nas plataformas educacionais, a carência para o atendimento de políticas públicas que incentivem práticas inclusivas no meio digital e a necessidade de formação de professores para atuar nesses contextos, atendendo à demanda global. Além disso, há dificuldades em obter financiamento para pesquisas e em desenvolver metodologias e processos formativos que realmente atendam a demanda educacional. Superar tais desafios requer colaboração entre pesquisadores, educadores, gestores e profissionais para ampliar o impacto da inclusão de forma articulada, ou seja, construindo um sistema inclusivo.

Dialogia: Como entende que a formação inicial e continuada de professores pode contribuir para a construção de ambientes de ensino e aprendizagem realmente inclusivos com o apoio das tecnologias, considerando as diferentes modalidades educativas?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: A formação inicial e continuada de professores é essencial para a consolidação da Educação Inclusiva, pois forma os docentes a utilizarem tecnologias assistivas e desenvolverem estratégias pedagógicas que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento de todos. É fundamental que os cursos de licenciatura, aperfeiçoamento e especialização contemplem práticas e estratégias inclusivas e ofereçam experiências em ambientes digitais acessíveis, como realizamos a partir dos pressupostos teóricos e práticos da abordagem CCS. Dessa forma, os professores estarão preparados para construir espaços educacionais mais democráticos em seus contextos de atuação de forma significativa, seja no ensino presencial, híbrido ou a distância, resgatando o prazer e o encantamento para o ato de ensinar e aprender.

Dialogia: Que mensagem enviaria, nos dias de hoje, para os educadores em exercício e os pesquisadores interessados no tema?

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen: A Educação Inclusiva é um compromisso ético e social que exige dedicação contínua. Aos educadores, encorajo a buscar formação e adotar práticas pedagógicas inovadoras que valorizem as diferenças, superem as dificuldades e promovam a participação ativa de todos os estudantes com o prazer para o ato de aprender. Aos pesquisadores, reforço a importância de estudos que contribuam para que as políticas educacionais se tornem mais eficazes e para o desenvolvimento de tecnologias acessíveis para proporcionar a equidade a todos e a compressão da sua competência e do seu potencial participativo. A inclusão é um

processo coletivo e cada esforço faz a diferença na construção de uma sociedade mais justa, equitativa e prazerosa.

Obrigada!

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

TERÇARIOL, Adriana Aparecida de Lima; BIOTO, Patricia Aparecida. A Educação Inclusiva em Contextos Presenciais, Híbridos e On-line”. Entrevistada: Elisa Tomoe Moriya Schlünzen. *Dialogia*, São Paulo, n. 52, p. 1-5, jan./abr. 2025.
<https://doi.org/10.5585/52.2025.27794>